

A árvore e a floresta: Uma contribuição metodológica de Pierre Bourdieu acerca da História Regional

Márcio Alex Condeiro Biavaschi*

Na história do município de Santa Maria, durante o período da Primeira República (1889-1930), localizamos, a partir de uma revisão bibliográfica, a escassez de trabalhos a tratar sobre as problemáticas políticas locais, bem como partidárias, durante aquele período, sendo os poucos existentes de caráter memorialista ao relatar as impressões dos respectivos autores de relatos dos fatos considerados mais importantes.¹

Ao estudar os movimentos político-partidários locais durante aquele período, deparamo-nos com relações de poder entre os coronéis do município e Borges de Medeiros e entre aqueles mesmos coronéis com certos setores sociais ou categorias profissionais locais, representadas simbolicamente nas páginas dos órgãos da imprensa político-partidária.

* Mestre em História pelo Programa de Pós-Graduação em História da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, com a Dissertação defendida em julho de 2004, sob a orientação da professora doutora Margaret Marchiori Bakos e intitulada: “*Coronelismo, Borgismo e Escândalos Políticos: o caso Ribeiro Tacques (Santa Maria: 1925-1926)*”; com apoio financeiro indispensável da CAPES. Endereço eletrônico: mbiavaschi@bol.com.br.

¹ Tais lacunas comprovam-se ao analisarmos as análises memorialistas sobre a história de Santa Maria, que muito pouco espaço dão a este período, com uma abordagem mais crítica: BELTRÃO, Romeu. *Cronologia Histórica de Santa Maria e do Extinto Município de Santa Maria (1787-1930)*. Santa Maria, Pallotti, 1958; BELÉM, João. *História do Município de Santa Maria (1797-1933)*. 3. ed. Santa Maria, Ed. da UFSM, 2000; RECHIA, Aristilda. *Santa Maria: Panorama Histórico-Cultural*. Santa Maria, Associação Santa-Mariense de Letras, 1999.

ria santa-mariense, a demonstrar o *habitus* próprio a este sistema de mando, essencialmente autoritário, mas também englobando outras propriedades mais próximas do compromisso entre atores com poder desigual.²

Com a convicção de que esta ausência analítica não significaria a ausência de um vasto campo destinado à análise de fatos históricos ainda encobertos pelas brumas do desconhecimento, iniciamos essa pesquisa, observando, posteriormente, que este município possuiu, ao longo da Primeira República, uma trajetória de acirradas disputas entre os coronéis locais, ainda que correligionários do mesmo partido político, o Partido Republicano Rio-Grandense, de Júlio de Castilhos e Borges de Medeiros.

Tornar-se-ia, então, necessário ter consciência de que somente uma postura metodológica que englobasse o município de Santa Maria em um contexto mais abrangente em nível não apenas local, mas estadual e nacional, romperia com aquela postura memorialista e estéril de fatos, datas e vultos pessoais. Resgatar a história local de Santa Maria não necessita mencionar que estas representações sobre os acontecimentos passados no município se fechariam no interior de uma redoma, como se aquela localidade se encontrasse isolada do resto do mundo. O município de Santa Maria, pela sua importância na história do Rio Grande do Sul, principalmente durante a Primeira República, possui uma história extremamente rica, porém com uma historiografia produzida a seu respeito ainda precária e carente de análises mais aprofundadas.³

² Sobre tais problemáticas conferir minha Dissertação de Mestrado, trabalho que aborda a primeira cassação de mandato de um intendente municipal, chamado Carlos Alberto Ribeiro Tacques, na história republicana brasileira, ocorrida em 1926, no município de Santa Maria, não sem antes ter ocorrido a criação de um escândalo político de proporções regionais devido ao fracionamento do PRR naquela localidade e ao acirramento nas relações entre os correligionários daquele partido na localidade, fazendo vir à tona toda uma trajetória de incompatibilidades intrínsecas àquela agremiação política.

³ Mesmo ainda carente de análises que contemplem a abrangência e a riqueza histórica santa-mariense vários trabalhos passam a privilegiar

Santa Maria, postada na região central do estado, diferencia-se em relação à região da campanha ou tendo em vista a região do planalto médio, mesmo que possuindo algumas características de ambas. Diferencia-se delas devido à presença de vários distritos rurais de colonização europeia, palco essencial para as práticas coronelistas, a Quarta Colônia de Imigração Italiana. O município também usufruiu a vantagem de servir como ponto de cruzamento de grande parte das linhas férreas do Rio Grande do Sul, devido ao fato de

aquele espaço social: CORRÊA, Roselaine Casanova. *Vida cultural em Santa Maria: o caso da Escola de Teatro Leopoldo Fróes (1943-1983)*. Porto Alegre, Dissertação de Mestrado em História/PUCRS, 2003. FARINATTI, Luís Augusto Ebling. *Sobre as Cinzas da Mata Virgem: os Lavradores Nacionais na Província do Rio Grande do Sul (Santa Maria, 1845-1880)*. Porto Alegre, Dissertação de Mestrado em História/PUCRS, 1999. MACEDO, João Heitor Silva. *São Martinho: da guarda ao povoado: um perfil histórico-arqueológico sobre a formação da Vila de São Martinho - RS*. Porto Alegre, Dissertação de Mestrado em História/PUCRS, 1999. MARCHIORI, José & NOAL F°, Valter. *Santa Maria: relatos e impressões de viagem*. Santa Maria, Ed. da UFSM, 1997. MARIN, Jérri Roberto. *Ora et labora: o projeto de restauração católica na ex-colônia de Silveira Martins*. Porto Alegre, Dissertação de Mestrado em História/UFRGS, 1993. MARIN, Jérri Roberto (org.). *Quarta Colônia: novos olhares*. Porto Alegre, EST, 1999. MERG, Camila Ventura. "Coronelismo e Justiça em Santa Maria". In: *AJURIS - Revista da Associação dos Juizes do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre, n. 86, ano XXVII, T. 1, junho/2002, p. 318-328. NUNES, Marion Kruse (org.). *Memória cidadã: Vila Belga*. Porto Alegre, Sedac/CHO, 2002. QUEVEDO, Everton Reis. "Saneamento urbano em Santa Maria". In: *Revista Histórica*. Porto Alegre, APGH/PUCRS, n. 7, 2003, p. 115-132. RANGEL, Carlos; ANTONELLO, Idê & VAZ, Neusa. "O papel da ferrovia na mentalidade urbana de Santa Maria". In: *Revista Vidya/UNIFRA*, n. 29. Santa Maria, Pallotti, 1998, p. 109-119. RIOS, Angélica de Medeiros. *Ser ou não ser italiano: descendentes de imigrantes em Santa Maria durante o Estado Novo*. Porto Alegre, Dissertação de Mestrado em História/PUCRS, 2001. VÉSCIO, Luiz Eugênio. *O crime do padre Sório: Maçonaria e Igreja Católica no Rio Grande do Sul (1893-1928)*. Santa Maria, Ed. da UFSM; Porto Alegre: Ed. da Universidade/UFRGS, 2001. WITTER, Nikelen Acosta & FARINATTI, Luís Augusto. "Uma aproximação ao estudo da pobreza rural na região de Santa Maria (1858-1889)". In: *Revista Histórica*. Porto Alegre, APGH/PUCRS, n. 3, 1999, p. 99-105. WITTER, Nikelen Acosta. *Dizem que foi feitiço: curadores e práticas de cura no sul do Brasil (Santa Maria, 1845-1880)*. Porto Alegre, Dissertação de Mestrado em História/PUCRS, 1999. ZAMBOM, Antonio Lidio de Matos. "As transformações urbanísticas de Santa Maria na passagem para o século XX". In: *Revista Vidya/UNIFRA*. n. 24. Santa Maria, Pallotti, 1995, p. 155-163.

estar bem localizada geograficamente entre as regiões da campanha/fronteira e do planalto médio, como também da região das Missões e da zona colonial, enfim, colocada em um ponto transregional.⁴

Enfocamos, então, a situação política e social de Santa Maria como intimamente dependente do desenvolvimento econômico regional. O espaço social da cidade não se auto-explica, pois não é uma totalidade, mas apenas permite a objetivação de uma totalidade maior na qual ela se insere. Este posicionamento estratégico da cidade motivou o desenvolvimento do setor comercial local decorrente da presença de uma forte e coesa categoria profissional – a ferroviária –, a mais numerosa do Rio Grande do Sul, razão de sua importância naquele campo político, devido ao prestígio dos seus representantes e ao fato de apresentar um eleitorado de difícil cooptação pelos partidos políticos, servindo, até mesmo de ponto de atrito entre as diferentes facções do PRR santamariense.

As categorias profissionais ligadas à rede ferroviária representavam uma grande parcela das camadas médias santamarienses, prestando-se como base essencial de possível apoio político às pretensões do PRR em manter-se no poder local e regional.⁵ Em Santa Maria observou-se a exis-

⁴ FONSECA, Pedro. *RS: economia e conflitos políticos na República Velha*. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1983, p. 27 (grifo meu). A caracterização regional proposta por este autor esclarece sobre a posição de Santa Maria no Rio Grande do Sul que possa ter influenciado nas suas peculiaridades políticas locais: “Esta divisão regional do Rio Grande do Sul [Campanha, Serra, Planalto e Litoral] é elaborada idealmente, tendo como base as principais características econômicas de diversas zonas do Estado. (...) existem municípios, embora poucos, que a rigor não se enquadram em nenhuma das regiões, estando estes, principalmente em zonas de transição, atípicas. É o caso de Santiago, de Santa Maria e Cachoeira do Sul, cujas economias não se enquadram exatamente em uma das três regiões, ficando em uma área indefinida entre elas”.

⁵ BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1989, p. 136: “Com base no conhecimento do espaço das posições, podemos recortar classes no sentido lógico do termo, quer dizer, conjuntos de agentes que ocupam posições semelhantes e que, colocados em condições semelhantes e sujeitos a condicionamentos semelhantes, têm, com toda a probabilidade, atitudes e interesses semelhantes, logo,

tência de um movimento operário organizado em torno da Cooperativa de Consumo dos Funcionários da Viação Férrea, fundada em 1913, que, se não externasse ideologias de caráter revolucionário, era, ao mesmo tempo, um núcleo de eleitores permanentemente desejado e um entrave constante ao controle e manejo eleitoral por parte das facções locais do PRR; assim como possibilitou aos funcionários ferroviários e as suas famílias organizar-se com maior eficácia tendo em vista sua ação política e reivindicatória.

Neste âmbito, destacaram-se alguns elementos ferroviários aliados à política dominante perrepesta santamariense que não compartilham da rotulação clássica dos coronéis, enquanto grandes proprietários de terras, destacando-se a figura de Manoel Ribas, diretor da Cooperativa de Consumo. Esta personalidade foi muito importante na política local, para a qual convergiam os coronéis que pretendiam ter o apoio do eleitorado ferroviário, grupo de pressão⁶ a representar um entrave ao controle local por parte do PRR, além de servir como constante ponto de atrito entre os coronéis locais, especialmente entre aqueles pertencentes à grei perrepesta.

Natural de Ponta Grossa, no Paraná, Manoel Ribas se estabeleceu em Santa Maria no ano de 1905, a convite de seu cunhado Gustave Vauthier, engenheiro e diretor da

práticas e tomadas de posição semelhantes. Esta classe no papel tem a existência teórica que é a das teorias: enquanto produto de uma classificação explicativa (...), ela permite explicar e prever as práticas e as propriedades das coisas classificadas – e, entre outras, as das condutas de reunião em grupo (...); poder-se-ia dizer, em rigor, que é uma classe provável, enquanto conjunto de agentes que oporá menos obstáculos objetivos às ações de mobilização do que qualquer outro conjunto de agentes”.

⁶ “Um grupo de pressão pode definir-se como uma organização constituída para defender interesses, exercendo pressão sobre os poderes públicos a fim de deles obter decisões conformes a esses interesses”: SCHWARTZENBERG, Roger-Gérard. “Os grupos de pressão”. In: *Sociologia política: elementos de ciência política*. São Paulo/Rio de Janeiro, DIFEL, 1979, p. 614; Conferir também: PASQUINO, Gianfranco. “Grupos de pressão”. In: BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola & PASQUINO, Gianfranco. *Dicionário de política*. 12. ed. Brasília, Ed. da UnB, 1999, p. 562-571.

Compagnie Auxiliaire des Chemins de Fer au Brésil, concessionária das ferrovias rio-grandenses, para assumir a direção do armazém de fornecimento aos seus funcionários. Foi um dos fundadores, juntamente com seu irmão, Augusto Ribas, da Cooperativa de Consumo dos Funcionários da Viação Férrea do Rio Grande do Sul, em 26 de outubro de 1913, desempenhando a função de gerente até 1920, e daí em diante como diretor geral. Foi também o criador da Escola Técnica de Artes e Ofícios para os filhos, de ambos os sexos, dos funcionários da Viação Férrea, além de um Hospital da Cooperativa.

Por todos estes motivos se compreende a razão pela qual era constantemente assediado pelas facções do PRR local, por ser um elemento imprescindível ao sucesso de qualquer grupo partidário que almejasse o poder político municipal, como representante do mais importante e influente grupo de eleitores do município. Foi eleito intendente municipal em 1928, sendo que em 1930 é nomeado o primeiro prefeito municipal de Santa Maria, cargo que ocupou até 1932, quando foi nomeado interventor federal do estado do Paraná, onde permaneceu até a queda de Getúlio Vargas, em 1945, falecendo em Curitiba a 10 de março de 1946.

Desta maneira, observamos que esta categoria era identificada com a própria imagem do espaço social objetivo de Santa Maria, enquanto a construção simbólica da “cidade ferroviária”, em um longo processo no qual práticas simbólicas moldam “a representação da realidade, até se tornarem a realidade da representação”⁷, sendo que era em sua proximidade que giravam as mais importantes decisões municipais, sejam elas econômicas, políticas ou culturais. Tal fenômeno comprova que não há jamais movimento político que, ao mesmo tempo, não seja social, mesmo que determinando compatibilidades e antagonismos, proximidades e distanciamentos.

⁷ BOURDIEU citado por RANGEL, Carlos, ANTONELLO, Ide & VAZ, Neusa. Op cit., p. 110.

A trajetória política do PRR em Santa Maria, durante a Primeira República, evidenciou a existência de 13 intendentes, no período de 1892 até 1930, com uma média inferior a três anos de permanência no cargo para cada edil, sendo comuns as nomeações, as renúncias, a utilização de intendentes provisórios e da cassação de mandato, ocorrida em 1926. Evidenciou-se, inclusive, que esses confrontos intrapartidários, constantes em Santa Maria, eram usualmente aceitos e até estimulados por Borges de Medeiros, desde que não ameaçassem diretamente seu poder de mando, devido seu intuito de manter o PRR permanentemente fracionado no interior do estado, obtendo poder de barganha com as facções em disputa no âmbito das municipalidades.

Ao utilizar o referencial teórico de Pierre Bourdieu, como cotejamento teórico-metodológico adequado a amparar a apreciação empírica, é preciso ressaltar que, como auxiliares imprescindíveis à pesquisa histórica, os conceitos teóricos não são simples peças a encaixarem-se na pesquisa, porém procuro, a partir das bases teóricas, esclarecer algumas questões evidenciadas na pesquisa empírica.⁸

Na utilização a sociologia de Bourdieu, foi possível vislumbrar e empregar seus conceitos de campo e poder simbólico⁹, especialmente em relação aos campos político e

⁸ CORADINI, Odaci Luiz. “O referencial teórico de Bourdieu e as condições para sua aprendizagem e utilização”. In: *Revista Veritas*. Porto Alegre, PUCRS, v. 41, n. 162, junho/1996, p. 218: “tanto os conceitos como seus desdobramentos metodológicos perdem seu sentido se não estiverem referidos às suas relações lógicas entre si e com as premissas que lhe dão fundamento, o que não significa que a opção da utilização de conceitos e métodos não esteja vinculada ao objeto de estudo. Porém, esta utilização seletiva supõe, necessariamente, o domínio destas relações lógicas entre premissas, conceitos, metodologias e indicadores a ser utilizados”.

⁹ Segundo BOURDIEU, Pierre. *Coisas ditas*. São Paulo, Brasiliense, 1990, p. 167, o poder simbólico “é um poder de fazer as coisas com palavras. E somente na medida em que é verdadeira, isto é, adequada às coisas, que a descrição faz as coisas. Nesse sentido, o poder simbólico é um poder de consagração ou de revelação, um poder de consagrar ou de revelar coisas que já existem. Isto significa que ele não faz nada? De fato, como uma constelação que começa a existir somente quando é

jornalístico que, naquele momento, no Rio Grande do Sul coronelista. Dentre estes campos de convivência e conflito político e social, extremamente interligados, destaco a importância que possuíam, naquele período, os órgãos de imprensa político-partidária, seja na criação de casos ou escândalos políticos, ou ainda no silenciamento sobre determinados assuntos caros ao partido ou à facção política que sustentava certo jornal.

Na maior parte das vezes, a aquisição e o exercício do poder político dependem de uma outra forma de poder, como a imprensa, utilizada na construção de um mito ou no combate a algum personagem político ou facção partidária contrária. Tal embate entre grupos políticos opostos, de uma mesma e restrita região, interessados, essencialmente, nos mesmos objetivos, ocorre no âmbito interno de um campo, entendido enquanto necessidade de relacionar o lugar da produção social com o lugar da produção simbólica, no qual seus componentes competem por acumular aquele capital simbólico irreduzível a cada campo, lutando internamente por ele, cuja finalidade última seria a conquista da credibilidade perante a totalidade do espaço social.¹⁰

O campo político, assim como o campo jurídico, o religioso e o jornalístico expressam campos de forças e de disputas, servindo como ambiente fértil para o estudo da produção social e simbólica.¹¹ No interior desses campos, ocorre a disputa por um capital existente e próprio a cada um deles, den-

selecionada e designada como tal, um grupo (...) só começa a existir enquanto tal, para os que fazem parte dele e para os outros, quando é distinguido segundo um princípio qualquer dos outros grupos, isto é, através do conhecimento e do reconhecimento”.

¹⁰ Sobre o conceito de campo utilizado aqui conferir: BOURDIEU, Pierre. “A gênese dos conceitos de habitus e campo”. In: *O poder simbólico...*, p. 59-73; BOURDIEU, Pierre. “Campo do poder, campo intelectual e habitus de classe”. In: *A economia das trocas simbólicas*. 5. ed. São Paulo, Perspectiva, 2003, p. 183-202.

¹¹ BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico...*, p. 12: “O campo de produção simbólica é um microcosmos da luta simbólica entre as classes: é ao servirem os seus interesses na luta interna do campo de produção (e só nesta medida) que os produtores servem os interesses dos grupos exteriores ao campo de produção”.

tre o qual podemos considerar que o capital político no sistema político coronelista configura-se na figura do prestígio que determinado coronel possui aos olhos de seus semelhantes, agregados ou adversários, tendo em vista, principalmente, a o apoio político e a quantidade de eleitores que possa arregimentar.

Os órgãos de imprensa local assumiram, então, a função de instrumento ideológico de enfrentamento político-partidário, principalmente pelos debates acalorados, acusações de caráter pessoal, seu caráter polemista e visceral, os silenciamentos, por meio da criação de escândalos políticos em suas páginas, possibilitando que viessem à tona os meandros da política coronelista e manifestando o universo da representação simbólica das lutas políticas das facções do PRR santa-mariense. Deste processo de constantes ataques e contra-ataques políticos e ideológicos nas páginas da imprensa revelam que na luta simbólica pelo monopólio da legitimação de um grupo no espaço social e no campo em disputa, decorre a imposição de uma visão de mundo, que se pode dar mesmo por meio das afrontas de caráter pessoal e do insulto.

Assim, conhecer a representação simbólica de um certo grupo social torna-se um meio para se compreender o poder político de determinado espaço social e o modo como as representações de signos ou símbolos no espaço social tornam-se armas de combate entre grupos opostos e concorrentes, pela busca de legitimidade, de modo que estas representações passavam “a compor o imaginário social de determinado grupo caso possua a virtude de fazer sentido para este grupo”.¹²

Em função da sua “capacidade de fazer existir em estado explícito, de publicar, de tornar público, quer dizer, objetivado, visível, dizível, e até mesmo oficial”, agindo suas representações enquanto “um considerável poder social, o

¹² ESPIG, Márcia Janete. “O uso da fonte jornalística no trabalho historiográfico: o caso do Contestado”. In: *Revista Estudos Ibero-Americanos*. Porto Alegre, PUCRS, v. XXIV, n. 2, dezembro/1998, p. 276.

de constituir os grupos, constituindo o senso comum, o consenso explícito, de qualquer grupo”¹³, os jornais destacam-se como fonte para a análise histórica das relações de poder daquele período, assim como a quantidade de jornais partidários expressavam uma condição de classe e as reivindicações políticas desta classe.¹⁴

Em Santa Maria, encontramos os jornais *O Estado* (existente no período de 1898 a 1907) e *A Tribuna* (1907-1911), ambos ligados ao PRR, porém congregados a facções internas adversárias no interior do partido. Posteriormente, surgem o *Correio da Serra* (1917-1930) e o *Gaspar Martins* (1903-1927), os dois oposicionistas ao PRR e entre si, sendo os principais veículos de propagação das inconformidades dos diversos setores oposicionistas ao poder do PRR no município e no estado. Ao passo que o *Diário do Interior* (1911-1939) e o *Castilhistas* (1925-1927), situacionistas e também adversários, surgem como principais focos de articulação entre o poder borgista com as bases do poder local santa-mariense, bem que, com o passar do tempo, passam a competir entre si a legitimidade de ser o órgão de imprensa oficial do partido no

¹³ BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico...*, p. 142.

¹⁴ BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico...*, p. 11-12: “As diferentes classes e frações de classe estão envolvidas numa luta propriamente simbólica para imporem a definição do mundo social mais conforme os seus interesses, e imporem o campo das tomadas de posições ideológicas reproduzindo em forma transfigurada o campo das posições sociais. Elas podem conduzir esta luta quer diretamente, nos conflitos simbólicos da vida quotidiana, quer por procuração, por meio da luta travada pelos especialistas da produção simbólica (produtores a tempo inteiro) e na qual está em jogo o monopólio da violência simbólica legítima (...), quer dizer, do poder de impor – e mesmo inculcar – instrumentos de conhecimento e de expressão (taxionomias) arbitrários – embora ignorados como tais – da realidade social. O campo de produção simbólica é um microcosmos da luta simbólica entre as classes: é ao servirem os seus interesses na luta interna do campo de produção (e só nesta medida) que os produtores servem os interesses dos grupos exteriores ao campo de produção”.

¹⁵ BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico...*, p. 10: Estes jornais, mesmos adversários entre si, apresentar-se-iam enquanto “instrumentos por excelência da “integração social”: enquanto instrumentos de conhecimento e de comunicação (...), eles tornam possível o consensus

município.¹⁵

Analisando as representações dos jornais santamarienses, tornou-se preciso operacionalizar o trabalho de pesquisa, de modo a realizar uma “redução da escala de observação, em uma análise microscópica e em um estudo intensivo do material documental”¹⁶. Assim, destacamos a imprensa local pelo fato dela refletir as diferenciações próprias do mundo social, de acordo com os diferentes princípios de visão e posicionamento político, funcionando como signos de afirmação de um grupo no espaço social.¹⁷

Cada facção do PRR local procurava garantir para si que as suas representações do mundo social assegurariam o maior número possível de partidários, de modo que a visibilidade na imprensa impõe conhecimento e

acerca do sentido do mundo social que contribui fundamentalmente para a reprodução da ordem social: a integração “lógica” é a condição da “integração moral”.

¹⁶ LEVI, Giovanni. “Sobre a micro-história”. In: BURKE, Peter (org.). *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo, Ed. da UNESP, 1992, p.136.

¹⁷ BOURDIEU, Pierre. *Coisas ditas...*, p. 160-161: “o mundo social apresenta-se, objetivamente, como um sistema simbólico que é organizado segundo a lógica da diferença, do desvio diferencial. O espaço social tende a funcionar como um espaço simbólico, um espaço de estilos de vida e de grupos de estatuto, caracterizados por diferentes estilos de vida. Assim, a percepção do mundo social é produto de uma dupla estruturação: do lado objetivo, ela é socialmente estruturada porque as propriedades atribuídas aos agentes e instituições apresentam-se em combinações com probabilidades muito desiguais (...). Do lado subjetivo, ela é estruturada porque os esquemas de percepção e apreciação, em especial os que estão inscritos na linguagem, exprimem o estado das relações de poder simbólico (...). Esses dois mecanismos concorrem para produzir um mundo comum, ou, pelo menos, um consenso mínimo sobre o mundo social”.

¹⁸ BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico...*, p. 139: “A teoria mais acen-tuadamente objetivista tem de integrar não só a representação que os agentes tem do mundo social, mas também, de modo mais preciso, a contribuição que eles dão para a construção da visão desse mundo e, assim, para a própria construção desse mundo, por meio do trabalho de representação (em todos os sentidos do termo) que continuamente realizam para imporem a sua visão da sua própria posição nesse mundo, a visão da sua identidade social”.

credibilidade.¹⁸ As lutas políticas representadas nas páginas dos jornais, instrumentos de conhecimento e de construção do mundo objetivo, são o demonstrativo da efervescência das disputas partidárias em torno da conquista do poder público em Santa Maria, de modo a demonstrar “não haver prática ou estrutura que não seja produzida pelas representações, contraditórias e em confronto, pelas quais os indivíduos e os grupos dão sentido ao mundo que é o deles”.¹⁹

Ao registrar as lutas pelo poder político local, aqueles órgãos da imprensa registraram, de forma singular, aspectos ilustrativos das disputas coronelistas em Santa Maria, retratando, além de assuntos especificamente políticos, a realidade cultural e o *habitus*²⁰ próprio ao sistema coronelista, ratificando o caráter dialético entre luta política e luta simbólica, “pois seu principal objetivo é converter, é o fazer crer que sua proposta é a melhor para todos: transformar os interesses localizados de grupo, isto é, de classe ou fração de classe, em interesses gerais”.²¹

As lutas de representação explicitam as identidades sociais e os meios pelos quais um grupo impõe ou tenta expor sua concepção de mundo, seus valores, conforme o *habitus* social, compreendido este enquanto comportamentos adquiridos pelos grupos sociais em seus espaços de relações objetivas, como uma totalidade de acomodações permanentes que determinam ações específicas, de modo que os

¹⁹ CHARTIER, Roger. “O mundo como representação”. In: *Revista Estudos Avançados*. São Paulo, USP, n. 11, v. 5, maio/1991, p. 177.

²⁰ Amplamente se pode observar o *habitus* próprio ao sistema coronelista no Rio Grande do Sul da Primeira República através das práticas coercitivas, como o voto a cabresto, e aquelas permeadas por relações de cunho clientelista próprias àquele sistema de mando, além disso, este *habitus* evidencia-se na não percepção dos dominados perante os seus dominadores, como se torna claro na análise das cartas enviadas a Borges de Medeiros quando, em muitas delas, os remetentes requerem auxílio do líder estadual para resolver as suas mazelas que tem origem na orientação do próprio líder partidário.

²¹ PINTO, Celi Regina Jardim. “O poder e o político na teoria dos campos”. In: *Revista Veritas*. Porto Alegre, PUCRS, v. 41, n. 162, junho/1996, p. 225.

personagens atuam, em sociedade, conforme normas e códigos internalizados e, por esta maneira, aceitos como naturais.²²

Desta maneira, as lutas simbólicas apresentam-se como importantes instâncias das lutas políticas propriamente dita, ao desvendar, além das relações concretas do mundo objetivo, por quais contornos davam-se as querelas políticas entre as facções partidárias do PRR em Santa Maria, expondo suas ações no campo da produção simbólica, sobretudo na utilização do poder das palavras dos jornais, sendo a imprensa utilizada enquanto instrumento de conhecimento e de construção do mundo objetivo, entendido este como o palco de confrontos entre adversários no interior de certo campo de interesses. As lutas políticas convertem-se, então, em disputas “pelo poder de impor a visão legítima do mundo social”, de seu partido político ou facção partidária, “pelo reconhecimento, acumulado sob a forma de um capital simbólico de notoriedade e respeitabilidade, que confere autoridade para impor o conhecimento legítimo do sentido do mundo social, se sua significação atual e da direção na qual ele vai e deve ir”.²³

Ao destacarmos as disputas políticas em Santa Maria, analisamos o ambiente delimitado onde as classes ou os grupos sociais se enfrentam e se definem, por meio das lutas simbólicas por legitimação e disputas de representações que

²² BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico...*, p. 11: “As diferentes classes e frações de classes estão envolvidas numa luta propriamente simbólica para imporem a definição do mundo social mais conforme aos seus interesses, e imporem o campo das tomadas de posições ideológicas reproduzindo em forma transfigurada o campo das posições sociais”.

²³ BOURDIEU, Pierre. *Meditações pascalianas*. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2001, p. 226.

²⁴ Cf. AMADO, Janaina. “História e região: reconhecendo e construindo espaços”. In: SILVA, Marcos A. da (org.). *República em Migalhas: História Regional e Local*. São Paulo, Marco Zero, 1990, p.12-13: “(...) o estudo regional oferece novas óticas de análise ao estudo de cunho nacional, podendo apresentar todas as questões fundamentais da História (como os movimentos sociais, a ação do Estado, as atividades econômicas, a identidade cultural etc.) a partir de um ângulo de visão que

produzem de si e daqueles que deles se opõem.²⁴ A região de Santa Maria expressa especificidades, sem as quais não haveria necessidade de melhor estudá-la; ao mesmo tempo em que a busca, por parte do pesquisador, de uma singularidade localizada em um contexto mais global, uma construção intelectual de quem nela se debruça.

Ainda que uma região represente muito mais do que um simples espaço, sendo o local de desenvolvimento de uma formação social em um tempo e espaço definidos por um contexto mais abrangente, cabe mencionar que, a despeito de uma região fazer parte de uma totalidade, esse todo, ao ser constituído por várias regiões, não é apenas o resultado das diferentes partes que o constituem, mas remete ao valor simbólico do espaço e do modo como a região é construída e delimitada intelectualmente pelo pesquisador, recuperando que “as regiões não são auto-evidentes. Elas se definem a partir de uma construção mental do pesquisador. A região, portanto, não se constitui um objeto em si mesma, ela é uma construção intelectual”.²⁵

O fato de o espaço regional significar um valor simbólico permite que, alicerçado em um *habitus*²⁶ específico, enquanto “regularidades associadas a um meio socialmente estruturado”²⁷, um determinado grupo social privilegiado possa instituir e empregar, segundo suas necessidades, uma

faz aflorar o específico, o próprio, o particular. A historiografia nacional ressalta as semelhanças, a regional lida com as diferenças, a multiplicidade”.

²⁵ LENCIONI, Sandra. *Região e Geografia*. São Paulo, EDUSP, 1999, p.127.

²⁶ Sobre o conceito de *habitus* de Pierre Bourdieu ver: BOURDIEU, Pierre. “A gênese dos conceitos de *habitus* e de campo”. In: *O poder simbólico...*, p. 59-73; BARROS Fº, Clóvis de. “O *habitus* e o nada”. In: *Revista FAMECOS*. Porto Alegre, PUCRS, n. 17, abril/2002, p. 74-87; BARROS Fº, Clóvis & MARTINO, Luís Mauro Sá. *O *habitus* na comunicação*. São Paulo, Paulus, 2003.

²⁷ *Habitus* seriam, então: “sistemas de disposições duráveis, estruturas estruturadas predispostas a funcionar como estruturas estruturantes, isto é, como princípio gerador e estruturador das práticas e das representações que podem ser objetivamente “reguladas” e “regulares” sem o produto da obediência a regras, objetivamente adaptadas a seu fim sem

variada gama de representações e imagens de caráter ideológico e político que lhes possibilite, por meio de lutas simbólicas, “tornar manifesto um grupo, seu número, sua força, sua coesão, fazê-lo existir visivelmente; (...) manipular a imagem de si e sobretudo (...) de sua posição no espaço social”.²⁸

Analisando as práticas coronelistas em Santa Maria e as representações de suas lutas simbólicas enquanto frações de classe, por meio dos veículos de imprensa, comprova-se que a região, então, se apresenta como uma “diferenciação geográfica e histórica que é percebida, transmitida e representada por membros com uma certa identificação comunitária”.²⁹ Ou seja, uma região pode ser compreendida como o campo de ação, como “pertencimento simbólico e de referência nominativa dos sujeitos constituídos no cotidiano das práticas e por intermédio dos conteúdos e meios informáticos disponíveis”.³⁰

Ao analisar as disputas intrapartidárias do PRR e os conflitos políticos coronelistas no município de Santa Maria, conferimos a maneira como se dava a visibilidade ou não de tais dissídios partidários nas representações de imprensa, revelando que essas lutas políticas nas páginas dos jornais expressavam-se por meio de formas simbólicas de dominação e resistência.³¹ O discurso emitido por aquele indivíduo ou grupo social que tem seu poder simbólico reconhecido pela sociedade faz existir as coisas que enuncia, convertendo sua

supor a intenção consciente dos fins e o domínio expresso das operações necessárias para atingi-los e coletivamente orquestradas, sem ser o produto da ação organizadora de um regente”: BOURDIEU, Pierre. “Esboço de uma teoria da prática”. In: ORTIZ, Renato (org.). *Pierre Bourdieu: sociologia*. São Paulo, Ática, 1983, p. 60-61.

²⁸ BOURDIEU, Pierre. *Coisas ditas...*, 1990, p. 162.

²⁹ LENCIONI, Sandra. Op cit., p.193.

³⁰ ESCOLAR Marcelo Apud LENCIONI, Op cit., p.193.

³¹ BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico...*, p.113: “O que está em jogo é o poder de impor uma visão do mundo social através dos princípios de di-visão que, quando se impõem ao conjunto do grupo, realizam o sentido e o consenso sobre o sentido e, em particular, sobre a identidade e a unidade do grupo, que fazem a realidade da unidade e da identidade do grupo”.

perspectiva de mundo e a da sua classe ou fração de classe em algo natural.

Portanto, as adversidades e disputas políticas entre grupos de indivíduos pertencentes a um espaço social restrito, mesmo que congregados a nível estadual ao Partido Republicano Rio-Grandense - sempre procurando ocultar aqueles dissídios interioranos de uma visibilidade estadual -, comprova que, por tais circunstâncias políticas de convivência e de confronto, as facções locais, ao pretenderem trazer para si a legitimidade discursiva republicana no município, expressam uma variante do discurso regionalista que, segundo Pierre Bourdieu, apresenta-se enquanto “um discurso performativo”, que teria por finalidade “impor como legítima uma nova definição das fronteiras e dar a conhecer e fazer reconhecer a região assim delimitada - e, como tal, desconhecida - contra a definição dominante, portanto, reconhecida e legítima, que a ignora”.³² Assim, comprova-se que a palavra tem o poder de constituir ou ocultar o que ocorre.³³

A partir das representações emanadas pela imprensa partidária, instrumento de conhecimento e de construção do mundo objetivo, estabeleceram-se os limites de nossa compreensão de região. Nesse sentido, a região coronelista de Santa Maria por suas divisões, disputas, rupturas internas e a tomada de posições políticas, algumas intrínsecas ao espaço analisado, outras, apresentando-se enquanto parte do âmbito global em que a região se insere, “deve ser vista muito mais em sua complexidade do que na unilateralidade

³² BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico...*, p.116.

³³ BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico...*, p. 117-118: “o poder quase mágico das palavras resulta do efeito que têm a objetivação e a oficialização de fato que a nomeação pública realiza a vista de todos, de subtrair ao impensado e até mesmo ao impensável a particularidade que está na origem do particularismo (...) e a oficialização tem a sua completa realização na manifestação, (...) pelo qual o grupo prático, virtual, ignorado, negado, se torna visível, manifesto, para os outros grupos e para ele próprio, atestando assim a sua existência como grupo conhecido e reconhecido, que aspira à institucionalização”.

de processos homogeneizantes que, ignorando as diferenças, priorizam uma universalização facilmente contestada ‘regionalmente’”.³⁴ Ou seja, na análise de um espaço social, ao se levar em consideração as atitudes e as circunstâncias pelas quais os personagens interagem nele revelam, muito mais pelo antagonismo do que pela uniformidade, mais pela diferença do que por uma presumível identidade, as possibilidades do pesquisador abordar este dado espaço social, além de compreender as relações de poder intrínsecas a ele.³⁵

Ainda mais uma vez é Bourdieu, como referencial teórico, que nos auxiliou na compreensão da maneira como se dá o antagonismo entre frações de classe no interior de um espaço social, entendido enquanto “estrutura das distribuições” e como lugar de “fundamento das tomadas de posição antagonicas sobre o espaço”, mas também servindo de “um móvel de lutas e de confronto entre os pontos de vista”, sendo que “essas lutas para impor a visão e a representação legítimas do espaço, (...), recorrendo freqüentemente, no campo político, (...) pretendem impor princípios de visão e de divisão”, e que “podem contribuir para fazer os grupos existir”.³⁶

Esta cisão política entre os membros de um mesmo partido no interior de um espaço social possibilitou-nos, por meio de um estudo de caso específico de Santa Maria, compreender as relações entre o local e o estadual a partir das representações das facções partidárias nos seus órgãos de imprensa, ilustrando as lutas simbólicas naquele campo

³⁴ COSTA, Rogério Haesbaert da. *Latifúndio e identidade regional*. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1988, p.25 (grifo do autor).

³⁵ BOURDIEU, Pierre. *Meditações pascalianas...*, p.164 (grifos do autor): “espaço social é definido pela exclusão mútua, ou pela distinção, das posições que o constituem, isto é, como estrutura de justaposição de posições sociais (definidas, adiante, como posições na estrutura de distribuição das diferentes espécies de capital). Os agentes sociais, bem como as coisas por eles apropriadas, logo construídas como propriedades, encontram-se situados em um lugar do espaço social, lugar distinto e distintivo que pode ser caracterizado pela posição relativa que ocupa em relação a outros lugares (...) e pela distância (...) que o separa deles”.

³⁶ BOURDIEU, Pierre. *Meditações pascalianas...*, p. 224.

político.³⁷ Ao examinar as diferentes posturas acerca de assuntos não apenas locais, mas também regionais nas páginas dos jornais partidários, vislumbramos não apenas o caráter objetivo daquelas representações, mas também as propriedades subjetivas daqueles escritos, compreendendo que “as representações que os agentes sociais têm das divisões da realidade” também “contribuem para a realidade das divisões”.³⁸

Cada espaço social em particular torna-se o local em que uma fração de classes torna-se dominante por meio de alianças ou confrontando-se com outras frações com o mesmo objetivo, acumulando capital simbólico e impondo-se acima de seus adversários tornados, então, subalternos; possuindo ambos, por sua vez, uma relação específica com a totalidade mais abrangente. Contudo, não se pode incorrer na incoerência de tomar uma parte pelo todo, construindo um conhecimento a partir da análise de vestígios pertinentes apenas a uma especificidade contextualizada e difundí-lo esparsamente à totalidade de uma formação social.

Para tanto, acreditamos que novos estudos realizados ao nível da história regional possam apresentar episódios e ações, nomeadamente ocultados pelas generalizações das análises macro, não se tratando de privilegiar o particular em relação ao total, mas recuperar o que, à primeira vista, apresenta-se como imperceptível na totalidade de um fenômeno mais universal. Sempre contando que esta apreciação de uma perspectiva particular não poderá estar isolada de uma conjuntura mais ampla, onde as relações são formadas dialeticamente, necessita o historiador aguçar sua percepção a partir do fato de “*quando se quer olhar de muito perto, a árvore esconde a floresta; e, sobretudo, por não se ter construído*

³⁷ BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico...*, p. 107: “um conjunto de estudos de caso orientados pela intenção de apreender a gênese do conceito de região e das representações que lhe estão associadas, de descrever os processos em jogo nos quais e por meio dos quais aquele conceito é produzido (...) podia dar uma idéia do universo de pressupostos, mais ou menos dissimulados, que se acham envolvidos em cada um dos usos do conceito”.

³⁸ BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico...*, 1989, p. 120.

o espaço, não se tem nenhuma chance de ver de onde se está vendo o que se vê".³⁹

Referências

- BARROS F°, Clóvis de. "O habitus e o nada". In: *Revista FAMECOS*. Porto Alegre, PUCRS, n. 17, abril/2002, p. 74-87.
- BARROS F°, Clóvis & MARTINO, Luis Mauro Sá. *O habitus na comunicação*. São Paulo, Paulus, 2003.
- BELÉM, João. *História do Município de Santa Maria (1797-1933)*. 3. ed. Santa Maria, Ed. da UFSM, 2000.
- BELTRÃO, Romeu. *Cronologia Histórica de Santa Maria e do Extinto Município de Santa Maria (1787-1930)*. Santa Maria, Pallotti, 1958.
- BIAVASCHI, Márcio Alex Cordeiro. *Coronelismo, Borgismo e Escândalos Políticos: o caso Ribeiro Tacques (Santa Maria: 1925-1926)*. Porto Alegre, Dissertação de Mestrado em História/PUCRS, 2004.
- BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola & PASQUINO, Gianfranco. *Dicionário de política*. 12. ed. Brasília, Ed. da UnB, 1999.
- BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1989.
- _____. *Coisas ditas*. São Paulo, Brasiliense, 1990.
- _____. *Meditações pascalianas*. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2001.
- _____. *A economia das trocas simbólicas*. 5. ed. São Paulo, Perspectiva, 2003.
- BURKE, Peter (org.). *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo, Ed. da UNESP, 1992.
- CHARTIER, Roger. "O mundo como representação". In: *Revista Estudos Avançados*. São Paulo, USP, n. 11, v. 5, maio/1991, p. 177.
- CORADINI, Odaci Luiz. "O referencial teórico de Bourdieu e as condições para sua aprendizagem e utilização". In: *Revista Vêritas*. Porto Alegre, PUCRS, v. 41, n. 162, junho/1996, p. 207-220.
- CORRÊA, Roselaine Casanova. *Vida cultural em Santa Maria: o caso da Escola de Teatro Leopoldo Fróes (1943-1983)*. Porto Alegre, Dissertação de Mestrado em História/PUCRS, 2003.
- COSTA, Rogério Haesbaert da. *Latifúndio e identidade regional*. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1988.
- ESPIG, Márcia Janete. "O uso da fonte jornalística no trabalho historiográfico: o caso do Contestado". In: *Revista Estudos Ibero-Americanos*. Porto Alegre, PUCRS, v. XXIV, n. 2, dezembro/1998, p. 269-289.
- FARINATTI, Luís Augusto Ebling. *Sobre as Cinzas da Mata Virgem: os Lavradores Nacionais na Província do Rio Grande do Sul (Santa Maria, 1845-1880)*. Porto Alegre, Dissertação de Mestrado em História/PUCRS, 1999.
- FONSECA, Pedro. *RS: economia e conflitos políticos na República Velha*. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1983.

³⁹ BOURDIEU, Pierre. *Coisas ditas...*, p. 158.

- LENCIONI, Sandra. *Região e Geografia*. São Paulo, EDUSP, 1999.
- MACEDO, João Heitor Silva. *São Martinho: da guarda ao povoado: um perfil histórico-arqueológico sobre a formação da Vila de São Martinho – RS*. Porto Alegre, Dissertação de Mestrado em História/PUCRS, 1999.
- MARCHIORI, José & NOAL F^o, Valter. *Santa Maria: relatos e impressões de viagem*. Santa Maria, Ed. da UFSM, 1997.
- MARIN, Jéri Roberto. *Ora et labora: o projeto de restauração católica na ex-colônia de Silveira Martins*. Porto Alegre, Dissertação de Mestrado em História/UFRGS, 1993.
- MARIN, Jéri Roberto (org.). *Quarta Colônia: novos olhares*. Porto Alegre, EST, 1999.
- MERG, Camila Ventura. “Coronelismo e Justiça em Santa Maria”. In: *AJURIS – Revista da Associação dos Juizes do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre, n. 86, ano XXVII, T. 1, junho/2002, p. 318-328.
- NUNES, Marion Kruse (org.). *Memória cidadã: Vila Belga*. Porto Alegre, Sedac/CHO, 2002.
- ORTIZ, Renato (org.). *Pierre Bourdieu: sociologia*. São Paulo, Ática, 1983.
- PINTO, Celi Regina Jardim. “O poder e o político na teoria dos campos”. In: *Revista Veritas*. Porto Alegre, PUCRS, v. 41, n. 162, junho/1996, p. 221-227.
- QUEVEDO, Everton Reis. “Saneamento urbano em Santa Maria”. In: *Revista Histórica*. Porto Alegre, APGH/PUCRS, n. 7, 2003, p. 115-132.
- RANGEL, Carlos; ANTONELLO, Idê & VAZ, Neusa. “O papel da ferrovia na mentalidade urbana de Santa Maria”. In: *Revista Vidya/UNIFRA*, n. 29. Santa Maria, Pallotti, 1998, p. 109-119.
- RECHIA, Aristilda. *Santa Maria: Panorama Histórico-Cultural*. Santa Maria, Associação Santa-Mariense de Letras, 1999.
- RIOS, Angélica de Medeiros. *Ser ou não ser italiano: descendentes de imigrantes em Santa Maria durante o Estado Novo*. Porto Alegre, Dissertação de Mestrado em História/PUCRS, 2001.
- SCHWARTZENBERG, Roger-Gérard. *Sociologia política: elementos de ciência política*. São Paulo/Rio de Janeiro, DIFEL, 1979.
- SILVA, Marcos A. da (org.). *República em Migalhas: História Regional e Local*. São Paulo, Marco Zero, 1990.
- VÊSCIO, Luiz Eugênio. *O crime do padre Sório: Maçonaria e Igreja Católica no Rio Grande do Sul (1893-1928)*. Santa Maria, Ed. da UFSM; Porto Alegre: Ed. da Universidade/UFRGS, 2001.
- WITTER, Nikelen Acosta & FARINATTI, Luís Augusto. “Uma aproximação ao estudo da pobreza rural na região de Santa Maria (1858-1889)”. In: *Revista Histórica*. Porto Alegre, APGH/PUCRS, n. 3, 1999, p. 99-105.
- WITTER, Nikelen Acosta. *Dizem que foi feitiço: curadores e práticas de cura no sul do Brasil (Santa Maria, 1845-1880)*. Porto Alegre, Dissertação de Mestrado em História/PUCRS, 1999.
- ZAMBOM, Antonio Lídio de Matos. “As transformações urbanísticas de Santa Maria na passagem para o século XX”. In: *Revista Vidya/UNIFRA*, n. 24. Santa Maria, Pallotti, 1995, p. 155-163.

A árvore e a floresta: Uma contribuição metodológica de Pierre Bourdieu acerca da História Regional

Márcio Alex Cordeiro Biavaschi

Resumo: Este artigo aborda uma perspectiva de análise da história regional a partir da utilização dos referenciais teóricos formulados por Pierre Bourdieu, especialmente atendo-se aos conceitos de campo e poder simbólico. Para tal intuito, contextualiza o espaço ocupado pelo município de Santa Maria da Boca do Monte, localizado no centro geográfico do Rio Grande do Sul, no período delimitado da Primeira República, ao analisar a ocorrência de práticas particulares de coronelismo.

Palavras-chave: imprensa, coronelismo, Pierre Bourdieu.

Abstract: This paper approaches an analysis of Local History, started from theoretic reflections of Pierre Bourdieu, specialty the field and symbolic power concepts. For this, we try to understand the context of Santa Maria da Boca do Monte City, placed on geographic center of Rio Grande do Sul, in the period of the First Republic, analysing the particular experience of *coronelismo*.

Key words: press, *coronelismo*, Pierre Bourdieu.

Artigo recebido para análise em 22/10/2004

Aprovado para publicação em 15/12/2004